

**NOTA SOBRE QUADRINHOS, JORNALISMO E ETNOGRAFIA: PROPOSTAS
PARA UM FORMATO HÍBRIDO**

Bianca Moretto Ribeiro

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil

RESUMO

O surgimento e proliferação de quadrinhos documentais e biográficos nas décadas de 1970 e 1980 deu origem a um subgênero posteriormente denominado de jornalismo em quadrinhos. Mais do que a transposição de um texto informativo para um formato de imagens sequenciais, a confluência destes dois gêneros textuais possibilitou o surgimento de um formato híbrido que extrapola as definições e possibilidades de cada um. A análise de alguns exemplos de jornalismo em quadrinhos permite perceber, ainda, certas características – como presença marcada do autor, extenso trabalho de campo, retrato uma determinada população – típicas de outra disciplina: a etnografia. Embora nem todos os trabalhos apresentem estas características, elas são recorrentes, e são nestes exemplos que o presente artigo se foca, propondo um hibridismo triplo, que congregue jornalismo, quadrinhos e etnografia. Para além de apontar esta confluência em trabalhos já existentes, a proposta deste trabalho é levantar algumas questões acerca das possibilidades e limitações que este novo hibridismo pode trazer para trabalhos futuros. Após um breve resgate histórico do surgimento dos quadrinhos documentais que deram origem às primeiras experiências de jornalismo em quadrinhos, serão destacadas algumas características do método etnográfico em quadrinhos jornalísticos, ao mesmo tempo em que serão apontadas algumas possíveis contribuições da etnografia para o formato híbrido proposto. Em seguida, será realizado um resgate de alguns argumentos acerca da utilização da imagem na etnografia que servirá como base para se discutir as potencialidades e limitações da visualidade no formato proposto. No tópico seguinte o foco será novamente nas contribuições da etnografia e do jornalismo, não mais através de exemplos preexistentes, mas de um exercício de especulação acerca do novo formato proposto. Por fim, serão apontadas algumas limitações impostas por esta nova proposta.

PALAVRAS-CHAVE: quadrinhos; jornalismo; etnografia.

INTRODUÇÃO

O surgimento e proliferação de quadrinhos documentais e biográficos a partir do final da década de 1970 e início da década de 1980 deu início a um subgênero posteriormente denominado de jornalismo em quadrinhos. Mais do que uma simples transposição de um texto informativo para um formato de imagens sequenciais, a confluência destes dois campos possibilitou o surgimento de um formato híbrido que não é

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

nem um nem outro e extrapola as possibilidades de cada um em separado. O mesmo se dá com a confluência de outras disciplinas com o jornalismo, criando híbridos múltiplos: jornalismo literário, fotojornalismo, jornalismo etnográfico. A análise de alguns exemplos deste novo formato permite perceber ainda algumas características – como presença marcada do autor, extenso trabalho de campo, preocupação em retratar uma determinada população – típicas de outra disciplina: a etnografia. Embora nem todos os trabalhos de jornalismo em quadrinhos apresentem estas características, elas são recorrentes e são nestes exemplos que gostaria de focar a análise do presente trabalho, propondo ainda um novo hibridismo triplo, que reúna jornalismo, quadrinhos e etnografia. Para além de apontar esta confluência em trabalhos já existentes, levantarei também algumas questões, de caráter talvez mais especulativo, acerca das possibilidades e limitações que este novo hibridismo poderia trazer para trabalhos futuros. Para tanto, iniciarei com um breve resgate histórico do surgimento dos quadrinhos documentais e biográficos que deram origem às primeiras experiências de jornalismo em quadrinhos. Apontarei também alguns exemplos deste formato, que serão resgatados ao longo do texto sempre que houver necessidade. Em seguida, destacarei algumas características do método etnográfico em quadrinhos jornalísticos, ao mesmo tempo em que apontarei algumas possíveis contribuições da etnografia para o formato híbrido proposto. Em seguida, resgatarei alguns argumentos acerca da utilização da imagem na etnografia que, na falta de um aporte teórico mais específico dos gêneros tratados, servirá como base para se discutir as potências e limitações da visualidade no formato proposto. Se neste tópico abordarei mais as possibilidades trazidas pelos quadrinhos, no seguinte me focarei novamente nas contribuições da etnografia e do jornalismo, desta vez não através de exemplos preexistentes, mas de um exercício de especulação acerca do novo formato proposto. Posteriormente, apontarei algumas limitações impostas por esta proposta e prosseguirei, enfim, para a conclusão.

JORNALISMO EM QUADRINHOS

A proliferação da produção de quadrinhos independentes ainda no final da década de 1970 e com mais força a partir da década de 1980 impulsionou um novo estilo que se distanciava das tradicionais HQs seriadas de super-heróis e apostavam em uma aproximação com o “mundo real” (MCCLLOUD, 2005 apud GULART, 2015, p. 22). Este novo estilo se fiava principalmente em relatos de experiências vividas pelos próprios autores ou por seus informantes. Um dos principais marcos desta nova vertente de quadrinhos é Maus, de Art Spiegelman (2005), que relata ao mesmo tempo os dramas vividos por seu pai em um campo de concentração nazista durante a Segunda Guerra Mundial e as dificuldades em fazer o pai relatar estas histórias, que trazem à tona memórias tão dolorosas para ele. Spiegelman lança mão de recursos iconográficos para criar uma espécie de alegoria de seus personagens, onde judeus, alemães, franceses e poloneses são representados por diferentes animais (MOURA, 2015, p. 69). Apesar de utilizar-se de recursos mais comumente associados a narrativas ficcionais, Maus foi ganhador de um Pulitzer em 1992, deixando claro que a utilização de um formato novo para um relato do real – e apesar da utilização de recursos alegóricos – não altera sua força documental. Ainda assim, a credibilidade de uma narrativa neste formato é vista com desconfiança por muitos, especialmente por associarem os quadrinhos exclusivamente a narrativas ficcionais voltadas geralmente para um público infantojuvenil (MCCLLOUD, 2005 apud MOURA, 2015, p. 64).

Dentro deste emergente estilo documental/biográfico podemos identificar um conjunto bastante heterogêneo de obras, que variam em proposta, estilo, formato e conteúdo narrativo. Sobre este último, podemos encontrar desde obras que apostam em uma narrativa mais pessoal e rica em subjetividades, que convidam o leitor a conhecer uma história individual de interesse humano, mas não necessariamente se preocupam com assuntos de interesse público ou em retratar histórias representativas de um grupo social específico (em geral, são histórias sobre infância, relacionamentos pessoais e autoconhecimento), até narrativas como Maus, que pretendem discutir temas relevantes para a sociedade, seja abordando um evento ou momento histórico específico, seja abordando um grupo social.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

São a estas últimas narrativas que Joe Sacco se refere quando cunha o termo jornalismo em quadrinhos.

Embora o subgênero já existisse muito antes de Sacco – vide *Maus* – é a partir dele que este conceito ganha força e passa a ser assunto de maior reflexão entre profissionais de ambas as áreas. A nomenclatura não se propõe como limitante, permitindo diferentes interpretações acerca de suas características centrais e, conseqüentemente, de quais obras podem ser enquadradas nela. Alguns exemplos que podem ser associados a este formato híbrido são, além dos trabalhos de Sacco, como *Palestina* (2011) e *Uma história em Sarajevo* (2005), para citar apenas dois; *O Fotógrafo* (GUIBERT, LEFÈVRE, LEMERCIER, 2006), que se utiliza principalmente do fotojornalismo para construir o relato de uma expedição dos Médicos Sem Fronteiras ao Afeganistão em guerra no verão de 1986; *O mundo de Aisha* (BERTOTTI, MONTANARI, 2015), que parte de relatos colhidos pela fotógrafa Agnes Montanari durante uma viagem ao Iêmen para construir um panorama das resistências e lutas diárias das mulheres neste país; e os trabalhos realizados pela Agência Pública, que utilizam o formato dos quadrinhos para apresentar relatos de Haitianos refugiados na grande São Paulo, em *O Haiti é aqui* (KITANI, LOURENÇO, 2016), ou discutir o aumento da prostituição no Ceará durante a Copa das Confederações e o que este cenário poderia indicar para a Copa do Mundo, em *Meninas em Jogo* (DIP, DE MAIO, 2014).

Mesmo nesta pequena amostragem, já é possível perceber que o jornalismo em quadrinhos se apresenta de diferentes maneiras. Como o foco deste trabalho é refletir sobre as possibilidades trazidas pelo hibridismo – do jornalismo com os quadrinhos, mas também com a etnografia – não me atentarei muito, nos próximos tópicos, aos trabalhos da Pública, por considerá-los excessivamente cristalizados em um estilo jornalístico bastante tradicional, ainda que por vezes apresentem algumas das características que irei apontar como mais próximas da etnografia. Na medida em que reproduz os mesmos modos de fazer e muitas vezes também a estrutura narrativa do jornalismo tradicional, deixa escapar quase todas as possibilidades que o formato dos quadrinhos poderia oferecer. Em *Meninas em Jogo* estes aspectos são ainda mais evidentes: a forma como as entrevistas são conduzidas, a

presença majoritária de especialistas, os dados estatísticos e oficiais que contextualizam e reforçam o que foi dito pelos entrevistados – tudo isto está lá. Mesmo em momentos onde os recursos gráficos poderiam ser explorados, a oportunidade é perdida, como quando surge a necessidade de esconder a identidade de uma pessoa vulnerável. Neste momento, diversos recursos gráficos poderiam ter sido utilizados, para inclusive dar mais ou menos ênfase a este fato. O que se escolheu, entretanto, foi reproduzir um rosto que não condizia com a imagem da pessoa em questão – e explicar esta escolha através do texto –, o que realmente só é possível nos quadrinhos, mas trata-se de uma solução excessivamente pobre em relação às tantas outras possíveis neste formato.

ETNOGRAFIA NOS QUADRINHOS JORNALÍSTICOS

Embora nenhuma das obras citadas se proponha como algo mais que jornalismo em quadrinhos, é possível identificar nelas algumas características típicas da antropologia e do método etnográfico. Uma breve folheada em qualquer uma seria suficiente para identificar um aspecto que opera na contracorrente do jornalismo tradicional: a presença marcada do autor. Se o jornalismo busca ao máximo um ideal de objetividade que atravessa sobretudo sua forma, produzindo textos com um tom quase sempre de impessoalidade, os quadrinhos parecem gozar de uma certa liberdade neste sentido: em todos os exemplos o autor aparece como personagem de sua própria história, mesmo que seu grau de destaque varie.

A Antropologia apegase profundamente à observação, mas também ao discurso; o Jornalismo constrói suas narrativas tomando como base principalmente o discurso tecido pelos envolvidos, mas também observa. Ambos interferem nas relações que retratam, mas enquanto a Antropologia atualmente identifica como fator determinante de seu trabalho a subjetividade oriunda das relações do confronto/encontro, o Jornalismo apegase a noção de que há uma objetividade possível no relacionamento com suas fontes. (LAGO, 201, p. 173)

Outro aspecto recorrente nestes exemplos é a realização de uma pesquisa de campo extensa e cuidadosa, muitas vezes incompatível com a rotina frenética das redações, que acabam se concentrando em cobrir apenas assuntos mais imediatos. Nestes aspectos, o

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

jornalismo em quadrinhos parece aproximar-se mais da etnografia do que do jornalismo. Nas obras de Sacco e Guibert, a presença do autor como personagem não é apenas um recurso narrativo, nem somente uma forma de conferir credibilidade ao que está sendo relatado, mas também, e principalmente, um modo de deixar transparecer os métodos utilizados por eles. Experiência vivida e experiência ouvida são claramente distinguidas pelo leitor sem necessidade de extensas explicações. Eles se apresentam como observadores participantes (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 24), que exercem influência no meio em que estão inseridos. O que é observado e escutado é somente aquilo que se permite observar e escutar e isto fica mais evidente quando o autor aparece em quadro do que quando ele é escondido atrás de um relato jornalístico impessoal. Neste aspecto, é possível identificar também traços de uma maior transparência metodológica, que é indispensável à etnografia (MALINOWSKI, 1978, p. 18).

É importante ressaltar aqui que, embora esteja procurando e apontando características da etnografia em trabalhos de jornalismo em quadrinhos, estes não são trabalhos que se pretendem pesquisas etnográficas e, portanto, não precisam seguir nenhum tipo de restrição imposta por esta disciplina. As expectativas acerca de uma pesquisa etnográfica séria não podem ser transportadas para os formatos híbridos, que gozam de certas liberdades não permitidas pela academia. Estas liberdades, entretanto, não diminuem o potencial destes formatos; pelo contrário, saber aproveitá-las é o que vai conferir a estes trabalhos um caráter único, que só se realiza quando lançamos mão do hibridismo – tentar “traduzi-los” para quaisquer dos formatos isolados seria incabível.

Voltando à questão da transparência metodológica, na proposta de um formato triplamente híbrido, ficaria a cargo do autor decidir quais aspectos do processo devem ou não ser expostos e como isto será realizado. Alguns autores optam por deixar esta explicação de fora da narrativa, aparecendo em textos anteriores ou posteriores à história central. É o caso d'O mundo de Aisha, onde a fotógrafa prefere dar mais destaque para as histórias das mulheres iemenitas e dedica um texto no final do livro para explicar com mais detalhes como se deu sua interação com as personagens que apresenta. Outros diluem a metodologia no próprio corpus da narrativa, passando despercebida para um leitor pouco

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

atento. É o caso de Palestina, quando o narrador-personagem comenta que irá anotar tudo em seu diário de campo assim que chegam no hotel (SACCO, 2011, p. 10), ou quando dedica um capítulo inteiro para mostrar ao leitor suas estratégias para iniciar uma conversa com os palestinos (SACCO, 2011, p. 4-5).

As obras de Sacco, Guibert e Montanari surgem a partir da ida destes autores “a campo”, momento indispensável para a etnografia, mas que muitas vezes é negligenciado pelo jornalismo tradicional que, na pressa de fechar edições diárias, fia-se muito mais em entrevistas e relatos à distância. Mesmo quando o jornalista realiza seu trabalho in loco, o tempo dispensado por este para uma pauta está longe de ser o ideal para qualquer tipo de observação ou análise mais aprofundada. Neste aspecto, uma contribuição da etnografia é a possibilidade de se realizar, neste formato híbrido, um “olhar de perto e de dentro”, conforme a definição de Magnani:

Em suma: a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um insight que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o “concreto vivido”. Assim, o que se propõe inicialmente com o método etnográfico sobre a cidade e sua dinâmica é resgatar um olhar de perto e de dentro capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste, qualifiquei como de fora e de longe. (MAGNANI, 2002, p. 17)

Um aspecto chave para se pensar o hibridismo que proponho aqui é não criar hierarquias entre as diferentes áreas. Como já explicitarei anteriormente, não me interessam aqui os trabalhos jornalísticos apresentados em formato de quadrinhos, nem me interessariam as etnografias apresentadas em mesmo formato, mas algo de único que só possa surgir da confluência destes três domínios. Nenhum domínio é dispensável. Se conseguirmos realizar este movimento sem perdas, então o hibridismo não havia sido atingido em primeiro lugar.

O USO DA IMAGEM NA ETNOGRAFIA

Se a visualidade é característica chave dos quadrinhos, torna-se relevante entender como a etnografia lida com a visualidade para tentar encontrar pistas sobre as limitações e possibilidades de um formato híbrido no que tange a representação gráfica da experiência apreendida em campo.

A utilização de imagens na e pela etnografia e antropologia foi assunto amplamente discutido no âmbito destas duas disciplinas. Embora estes debates foquem seus argumentos na utilização de fotografias e registros fílmicos, mostram-se como bons pontos de partida para se pensar as potencialidades e limitações do hibridismo que proponho aqui.

Em seu texto *Visual Anthropology in a Discipline of Words*, Margaret Mead (2003) advoga em favor da utilização de imagens pela antropologia. Apesar do título, seu argumento central não é em favor de uma antropologia visual propriamente dita (que poderíamos entender tanto como uma antropologia apresentada em imagens como uma antropologia das imagens), mas da utilização de fotografias e filmes apenas como ferramentas em favor da antropologia. Sua preocupação é apenas encontrar a melhor forma de registrar e preservar cada aspecto de sociedades que em breve irão se extinguir. Para ela, estes formatos visuais seriam mais adequados para o registro de rituais, danças, modos de fazer e, portanto, não deveriam ser descartados tão rapidamente pelos antropólogos. Ela aponta ainda o grande valor destes registros não só no âmbito de um trabalho específico, mas como material para pesquisas futuras. Desta forma, ela procura defender um registro antropológico que se afaste ao máximo das ambições artísticas de um filme sem estas pretensões, já que o registro antropológico deveria valorizar tomadas mais longas, sem muitas mudanças de planos ou pontos de vista, que são características que tornam o filme menos interessante em termos artísticos. Este argumento vai de encontro ao hibridismo proposto, já que busca justamente uma hierarquização, onde a escrita etnográfica se sobrepõe às imagens, que são meras ferramentas para esta disciplina.

Por sua vez, a antropologia visual vai mais adiante e expõe as limitações de uma antropologia que pretenda falar do homem apenas descrevendo-o. Samain (1994) faz um

balanço desta nova disciplina e propõe algumas reflexões acerca dela. Primeiramente, aponta ser necessário que se discuta o que se espera das imagens em antropologia: seriam elas um fim em si ou um ponto de apoio para outro tipo de discurso, como propõe Mead? Reflete também sobre a importância de se formar profissionais que sejam especialistas nestas duas áreas: não antropólogos que operam câmeras nem fotógrafos que vão a campo, mas um antropólogo visual de fato. Samain propõe ainda algumas reflexões acerca de nossas práticas cognitivas, procurando questionar o domínio do verbal neste campo e atentando para a importância da visualidade desde as primeiras representações do mundo feitas pelo homem. Todos estes questionamentos são válidos também para a discussão proposta aqui. Em um formato híbrido entre jornalismo, quadrinhos e etnografia, o que podemos (ou devemos) esperar da representação visual? Sobre o segundo questionamento, talvez este formato híbrido só se realize plenamente por profissionais com um conhecimento destas três áreas, ainda que não com a mesma profundidade proposta por Samain, mas capazes que realizar reflexões acerca desta confluência de domínios sem hierarquizá-los a partir de sua própria profissão ou formação. Por fim, pensar a importância da visualidade no processo cognitivo parece assunto relevante para qualquer domínio que trabalhe com a visualidade.

Uma outra abordagem possível é a que questiona a validade da utilização de imagens pela etnografia. Caiuby Novaes (2005) apresenta uma crítica à imagem, caracterizando-a como pertencente ao domínio da magia e, portanto, incompatível com práticas científicas. Já Darbon (2005) atenta para um falso realismo fotográfico, que conferiria a esta prática um caráter de verdade incompatível com seus processos, que são sempre mediados e sujeitos à subjetividade de quem fotografa. Ele atenta ainda para o fato de que a própria noção de realismo é essencialmente cultural. Desta forma, se em uma sociedade ocidental contemporânea o registro audiovisual é tido como a representação mais fiel da realidade, outras sociedades em outros tempos conferiam este patamar a outros tipos de representação. Ele apresenta, ainda, a imagem visual não como representação da realidade, mas como um sistema simbólico.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

Cada indivíduo, em função de sua cultura e de sua história pessoal, incorporou modos de representação e potencialidades de leitura da imagem que lhe são próprios. Daí os riscos consideráveis de anacronismo perceptivo que espreitam nossas interpretações. (DARBON, 2005, p. 101)

Embora estas questões sejam relevantes para se pensar a validade da imagem na pesquisa etnográfica, elas não são um problema para o formato proposto. Como já mencionei anteriormente, o desprendimento de algumas amarras acadêmicas confere força ao formato híbrido. A possibilidade de apreensões distintas da obra por cada leitor não seria um problema, mas uma possibilidade a ser explorada. Seu distanciamento do formalismo acadêmico possibilita sua aproximação do dispositivo artístico.

Essa relatividade do decorrer da recepção da imagem – evidentemente lastimável no campo da pesquisa científica – é, pelo contrário, parte integrante do dispositivo artístico. Quando se faz fotografia artística, ou pintura, não representa incômodo – até isso faz parte do próprio jogo – o fato de o receptor atribuir todas as significações que quer àquilo que está vendo: mergulhamos, nesse momento, no domínio da subjetividade e da sensibilidade, não no discurso do racional. (DARBON, 2005, p. 102)

No formato proposto o jogo é dar espaço a certa subjetividade e sensibilidade sem perder a credibilidade da experiência vivida.

CONTRIBUIÇÕES PARA UM FORMATO HÍBRIDO

Para além das características etnográficas já identificadas nos quadrinhos jornalísticos, e sem me ater a detalhes mais técnicos e práticos da pesquisa etnográfica, para o formato que estou propondo, a principal contribuição desta disciplina está em seus conceitos mais abrangentes e fundacionais. Malinowski define um bom etnógrafo como alguém que vai a campo com um olhar disciplinado, muito diferente do olhar amador.

[O] modo como meus informantes brancos se referiam aos nativos e expressavam suas opiniões revelava, naturalmente, mentes não disciplinadas e, portanto, não acostumadas a formular seus pensamentos com precisão e coerência. Ainda mais, em sua maioria, como era de esperar, esses homens tinham preconceitos e opiniões

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

já sedimentadas, coisas essas inevitáveis no homem comum, seja ele administrador, missionário ou negociante, mas repulsivas àqueles que buscam uma visão objetiva e científica da realidade. (MALINOWSKI, 1978, p. 20)

Este treinamento do olhar visa não só evitar que o pesquisador contamine sua observação com os próprios preconceitos, mas igualmente que lhe permita um outro movimento importante na etnografia, de identificação de significados e eliminação de ruídos pouco importantes naquilo que foi visto e ouvido:

É neste ímpeto de conhecer que o ouvir, complementando o olhar, participa das mesmas condições deste último, na medida em que está preparado para eliminar todos os ruídos que lhe pareçam insignificantes, isto é, que não façam nenhum sentido no corpus teórico de sua disciplina ou para o paradigma no interior do qual o pesquisador foi treinado. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 21-22)

É evidente que nem tudo o que foi visto e ouvido aparecerá na narrativa final. O que estou atentando aqui é para a forma como esta seleção acontece. Um olhar treinado possibilitará ao autor dar destaque não apenas para os episódios mais peculiares ou surpreendentes, mas para aqueles aparentemente mundanos, que permitem ao leitor apreender certos aspectos recorrentes em dada sociedade.

Enquanto a etnografia restringe suas questões éticas na sua relação com os sujeitos da pesquisa, o jornalismo precisa prestar contas também para seu público. Este fator implica que o autor tenha sempre em mente qual a contribuição de seu trabalho para o discurso público. Ao contrário dos etnógrafos, o ideal para o jornalista é que seu trabalho cause algum impacto (HARRINGTON, 2003, p. 101).

Ademais, enquanto a escrita acadêmica se preocupa em ser compreensível sobretudo para seu pares, o jornalismo tem pretensões mais abrangentes, utilizando uma linguagem que seja compreensível para grande parte da população. É esta preocupação geral, mais do que tentar reproduzir seu estilo impessoal e pretensamente objetivo, que interessa para o formato híbrido. Fazer-se compreender. Isso não significa, por outro lado, restringir as apreensões possíveis para a narrativa. Como já explicitado anteriormente, este formato híbrido permite a presença de subjetividades que surgem, sobretudo, através do uso de imagens.

LIMITAÇÕES

Se até agora me foquei em apontar possibilidades para o formato híbrido, gostaria agora de trazer à tona algumas limitações deste gênero. O intuito aqui é tentar encontrar pistas para o tipo de trabalho que não estaria adequado a este formato, devendo ser realizado de uma outra maneira.

A partir do momento que nos propomos a tentar construir um formato híbrido não hierarquizado, abrimos mão de realizar um trabalho que seja plenamente aceito em qualquer uma destas áreas. Um formato que se utiliza de imagens sequenciais para construção de uma narrativa não vai ter o mesmo grau de credibilidade de uma etnografia escrita, e isso não se dá apenas pelo fato de que os desenhos supostamente carregariam um maior grau de subjetividade. Mesmo que toda a narrativa fosse construída a partir de fotografias, a etnografia ainda é bastante desconfiada da utilização de imagens em seu campo disciplinar.

Se os quadrinhos permitem um alto nível de abstração e inventividade, o formato proposto restringe estas possibilidades, na medida em que se pretende em alguma medida como narrativa de caráter documental. Se este é um formato que conduz a narrativa a partir de personagens, também o jornalismo não se realiza completamente nele. Qualquer história que não possa ser contada a partir de uma perspectiva humana terá mais dificuldades em encontrar espaço neste formato, correndo o risco de se tornar apenas uma reportagem jornalística transposta para quadrinhos.

CONCLUSÃO

Para além de pensar os quadrinhos apenas como ferramenta para o jornalismo ou qualquer outra disciplina, procurei mostrar neste trabalho como o gênero de jornalismo em quadrinhos conflui os dois domínios para a criação de um formato novo, com características que transformam suas narrativas em algo que não pode ser plenamente compreendido somente através da chave dos quadrinhos nem somente através do jornalismo. Procurei também identificar nestes trabalhos algumas características de um outro domínio, a

etnografia, como ponto de partida para se pensar uma proposta triplamente híbrida, que incorpore mais conscientemente esta terceira disciplina em seus métodos e modos de pensar e fazer. Um trabalho que consiga aproveitar o que há de melhor nestas três disciplinas, criando algo que não se limite a nenhuma delas, teria o potencial de ser, ao mesmo tempo, envolvente, relevante e profundo.

REFERÊNCIAS

BERTOTTI, Ugo; MONTANARI, Agnes. **O mundo de Aisha: A revolução silenciosa das mulheres no Iêmen**. 1 ed. São Paulo: Nemo, 2015.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. O uso da imagem na Antropologia. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O Fotográfico**. 2 ed. São Paulo: Hucitec e SENAC, 2005. p. 107-115.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. Brasília e São Paulo: Paralelo 15 Editores e Editora Unesp, 2000. p. 17-35.

DARBON, Sébastien. O etnólogo e suas imagens. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O Fotográfico**. 2 ed. São Paulo: Hucitec e SENAC, 2005. p. 95-105.

DIP, Andrea; DE MAIO, Alexandre. **Meninas em jogo**. 2014. Disponível em: <<https://apublica.org/2014/05/hq-meninas-em-jogo/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

GUIBERT, Emmanuel; LEFÈVRE, Didier; LEMERCIER, Frédéric. **O Fotógrafo: uma história no Afeganistão – Vol. 1**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

GULART, Victor Oliveira. **Potencialidades da escrita jornalística: imagem e testemunho nos quadrinhos de Joe Sacco**. Dissertação de mestrado em Divulgação Científica e Cultural. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

HARRINGTON, Walt. What Journalism Can Offer Ethnography. **Qualitative Inquiry**. v. 9, n. 1, 2003. p. 90-104.

KITANI, Adrino; LOURENÇO, Enio. **O Haiti é aqui**. 2016. Disponível em: <<https://apublica.org/2016/06/hq-o-haiti-e-aqui/#ancora>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

LAGO, Cláudia. Ensinamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo. **Brazilian Journalism Research**. v. 6, n. 1, 2010. p. 164-178.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 17, n. 49, 2002. p. 11-29.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: Tema, método e objetivo da pesquisa. In: **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos: história, criação, desenho, animação, roteiro**. São Paulo: M. Books, 2005.

MOURA, Andréia Guimarães. **Fotografia e quadrinhos: imagem complexa, construções híbridas e jornalismo em O Fotógrafo**. Dissertação de mestrado em Divulgação Científica e Cultural. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

SACCO, Joe. **Uma história de Sarajevo**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

_____. **Palestina**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011.

SAMAIN, Etienne Ghislain. Para que a Antropologia consiga tornar-se visual. In: FAUSTO NETO, Antonio; BRAGA, José Luiz; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **Brasil**. Comunicação, Cultura & Política. 1 ed. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p. 33-46.

SPIEGELMAN, Art. **Maus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.